

SOCIALIZAÇÃO E RESSOCIALIZAÇÃO NUM GRUPO JUVENIL FORMAL ¹

Gabriel Bolaffi

(Centro de Estudos de Sociologia Industrial, Universidade de São Paulo)

Entendemos por socialização o processo pela qual os valores e as atitudes próprias do complexo cultural de um dado grupo social são interiorizados na personalidade dos membros desse grupo. O processo de socialização abrange também o treinamento dos indivíduos nos padrões de comportamento que a cultura reservou para os status que eles irão ocupar.

O conceito de ressocialização, empregado por Eisenstadt ² para designar o processo pelo qual a personalidade de um imigrante, conformada numa determinada cultura, irá, depois da migração, se adaptar aos conjuntos valor-atitude do meio social receptor, será empregado nesse trabalho num sentido um pouco diferente, embora entendamos por ele o mesmo processo psico-cultural que lhe atribui esse autor. Trata-se, no nosso caso, da transmissão orientada de normas de uma cultura diferente daquela para a qual os indivíduos foram socializados, sem que eles tenham abandonado o meio social originário. Ou, em outros termos, da antecipação do processo de ressocialização por meio de uma ação educativa exercida antes da migração.

Tanto no passado como no presente existem numerosos exemplos de grupos, associações, seitas e movimentos sociais que desenvolveram técnicas altamente eficientes de persuasão e arregimentação, que lhes permitiram manter-se ou expandir-se. É sabido que as seitas religiosas, as organizações militares ou para-militares, os movimentos extremistas (principalmente os da direita) conseguem mobilizar seus membros, envolvendo-os numa atmosfera de irracionalidade. Nestes casos é provável que o grau de irracionalidade que caracteriza os comportamentos dos membros da associação se relacione intimamente com a irracionalidade dos objetivos que a associação, como tal, procura atingir. Portanto, essas técnicas, que nada mais são do que a intensificação substancial dos meios de controle social necessários a qualquer forma de associação humana, não parecem constituir, por si sós, uma fonte de irracionalidade, tudo dependendo dos fins para as quais são empregadas.

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada num grupo juvenil que recorreu amplamente a essas formas de controle social, sem as quais certamente desapareceria e talvez sequer teria chegado a exis-

tir. No caso particular dêsse grupo, as referidas técnicas foram empregadas no sentido de lograr não só a adesão dos seus membros, mas a sua ressocialização quanto a valores sociais e padrões de comportamento diferentes daqueles predominantes na cultura dêsses jovens.

O material empírico provém principalmente da nossa experiência pessoal, enquanto membro do grupo, entre 1947 e 1955. Foi completado em 1959-1960 pela consulta de impressos editados pelo grupo, histórias de vida e depoimentos de membros e ex-membros do grupo.

I — *Histórico do Grupo*

A história dos movimentos juvenis sionistas, confunde-se, até certo ponto, com a própria história do movimento sionista "pioneiro" e do Estado de Israel. Inaugurado oficialmente em 1897 por um congresso realizado em Basiléia, o sionismo é, no plano das idéias, o resultado de uma ideologia complexa e de certa forma paradoxal. Embora tenha suas raízes mais profundas na tradição judaica que sempre esteve voltada para a "Terra Santa", sofreu profunda influência das fontes marxistas e socialistas e assumiu em certas fases formas nitidamente românticas. Essas fontes ideológicas encontraram terreno fértil na situação com que se defrontaram os pioneiros sionistas na Palestina. Amalgamaram-se na realização do *kibutz*, a comunidade rural e coletiva por meio da qual se colonizou o país. Tendo emigrado para a Palestina no início dêste século, os primeiros grupos de pioneiros sionistas perceberam logo que somente um movimento organizado poderia assegurar a continuidade do fluxo migratório. Este movimento surgiu logo após a 1ª Guerra Mundial, propagando-se em seguida, em maior ou menor grau e por diferentes formas, por quase tôdas as comunidades judaicas do mundo.

No Brasil foi praticamente pouco antes da 2ª. Guerra Mundial que se constituiu uma comunidade judaica numericamente expressiva. Durante a guerra, interrompidos os contactos com a Europa e com a Palestina, se era impossível uma atividade sionista efetiva, puderam organizar-se diversas associações, quer de jovens quer de adultos, nas quais os ideais sionistas, importados da Europa, eram ventilados como um objetivo fundamental a ser alcançado logo que a guerra terminasse. Aliás, a própria ausência de contactos regulares deve ter contribuído, ao lado do clima de guerra, para a emergência de uma prefiguração ideal e marcadamente utópica dos objetivos sionistas. Foi de uma destas organizações que surgiu o grupo que estudamos.

Contudo, se a guerra e a tragédia dos judeus europeus haviam criado as condições propícias para o desenvolvimento do sionismo, e se já naquele período os jovens judeus se organizavam em torno dêsse ideal (na maioria das associações havia um departamento juvenil o grupo organi-

zado não surgiu espontaneamente. Foi formado por emissários para este fim que vieram de outros países. Se aqui havia jovens dispostos e entusiastas, era necessário organizá-los de acordo com os objetivos concretos que se propunha atingir, pois se o sionismo constituía para eles um ideal ao qual aderiam emotivamente, significava um objetivo desconhecido e de certa forma alheio à sua vida cotidiana.

A comunidade judaica de São Paulo não é integrada nem formal nem efetivamente, mas constituída de um grande número de associações diversas, condicionadas por vários fatores: 1) região de origem no estrangeiro; 2) grau de religiosidade; 3) bairro residencial; 4) nível econômico; 5) data de chegada ao Brasil; 6) posição doutrinária em face à política sionista. Estes fatores se combinam de tal maneira que se apresenta um número impressionante de associações. Há, por exemplo, uma associação de judeus de origem alemã, sinagogas de alemães ortodoxos, de húngaros, de turcos etc. Há uma associação de judeus ortodoxos do Bom Retiro, um centro dos judeus do Cambuci, uma associação dos judeus chegados em determinada época, uma associação dos judeus liberais, outras dos esquerdistas etc. Enfim, há cerca de 50 associações judaicas formais (com sede e estatutos) e possivelmente mais de 20 informais. Não é preciso acrescentar que nem sempre são boas as relações entre todos esses grupos. Muito embora a consciência de participação de um mesmo grupo historicamente discriminado e perseguido fortaleça o sentimento de "ingroup" judeu perante os não-judeus, a sua diversificação sócio-cultural provoca freqüentemente sentimentos etnocêntricos por parte dos membros de uma "Landsmannschaft" (subgrupo originário de um mesmo país no estrangeiro para com os de outra. Assim, como a grande maioria dessas associações possui um departamento juvenil, acontece que as barreiras que fragmentam a comunidade adulta se prolongam no setor juvenil.

Ora, é evidente que, embora quase toda comunidade fôsse sensível aos ideais sionistas, o tipo e o grau de sensibilidade variavam de maneira acentuada. Se para os jovens do grupo que estudamos, localizado no Bom Retiro³, o sionismo aparecia como objetivo pessoal imediato, para outros era uma perspectiva de realização "se possível" e para outros, ainda, uma obrigação filantrópica "para com os nossos irmãos vítimas da guerra" ou "para com os pobres mascates do Bom Retiro". É possível, ainda que não em termos absolutos, correlacionar cada uma destas atitudes com os diferentes grupos de origem em que se divide a comunidade judaica de São Paulo. O judeu do Bom Retiro, muito mais integrado naquela variante da tradição judaica que deu origem ao sionismo, e sobretudo mais pobre do que os restantes, era muito mais propenso a uma adesão total, principalmente, por razões subjetivas, mas também pela sua situação objetiva. Em segundo lugar, há o judeu que, embora originário da Europa Oriental, e, portanto, integrado na tradição do sionismo europeu, já con-

seguiu ascender, econômica e socialmente, a ponto de mudar-se para um bairro mais rico e que desenvolveu interesses materiais que o prendem a uma posição conservadora. Por último, temos os judeus alemães e em geral da Europa Ocidental que antes do nazismo já se identificavam cultural e nacionalmente com o meio social no qual viviam, e cuja adesão ao sionismo raramente ia além do nível da mera filantropia. Demais, os judeus deste último grupo sempre consideraram com certo desprezo, mais ou menos velado, seus irmãos pobres e "ignorantes" do leste europeu, referindo-se a eles com o pejorativo "Ostjuden" ⁴.

Portanto, o Bom Retiro seria o caldo de cultura onde se desenvolveriam os movimentos juvenis sionistas e onde operariam os "Schlichim" (delegados) enviados da Palestina de então para organizá-los.

Em novembro de 1947 decidia-se nas Nações Unidas a partilha da Palestina; em janeiro de 1948 o movimento realizava em Petrópolis sua primeira concentração nacional sob a direção de um orientador vindo da Argentina e com a participação de representantes de São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Curitiba, Pôrto Alegre e de algumas cidades próximas a estas capitais. São Paulo participou com cerca de 30 jovens, rapazes e moças, entre 14 e 20 anos.

Em maio de 1948 proclamava-se o Estado de Israel, na mesma ocasião em que tinha início a guerra no Oriente Médio. É a primeira vez, desde o levante de Bar-Kochba no ano de 132, que judeus pegam em armas na defesa de um território nacional. Evidentemente, as circunstâncias épicas, nas quais surgia o novo Estado, não poderiam deixar de repercutir intensamente entre os judeus do mundo todo.

Em São Paulo, um dos resultados imediatos desta onda de entusiasmo foi uma súbita intensificação dos contactos entre os vários setores da comunidade que encontraram no Estado de Israel um fator de identificação suficientemente forte para que em torno dele, ainda que apenas momentaneamente e somente para atividades que lhe dissessem respeito, fossem anuladas as barreiras internas do grupo.

Durante o ano de 1948, o movimento que até então agregava cerca de 100 jovens em São Paulo, atingiu a cifra de 800, procedentes de todos os bairros da capital e de todos os setores de que se compunha a comunidade. Se a sede central da organização permanecia no Bom Retiro, diversas associações de adultos de bairros como Ipiranga, Cambuci, Vila Mariana, Jardim América, Lapa, Pinheiros, Brás e Tatuapé ofereceram suas instalações para que ali o movimento fundasse suas filiais. Essa distribuição ecológica dos departamentos da organização demonstra, entre outras coisas, até que ponto as barreiras de classe e de origem (há uma tênue tendência para a concentração em bairros dos judeus provenientes de um mesmo país estrangeiro) puderam ser superadas.

Em fins de 1948, funda-se no interior do Estado uma fazenda agrícola experimental, na qual os jovens dispostos a partir para Israel deveriam passar por um período de treinamento de um ano. Trata-se não só de um treinamento profissional orientado, na medida do possível, para o tipo de atividade produtiva exigida pelo *kibutz* de Israel, mas também de um treinamento para a vida coletiva⁵ e para a cultura israelense. Assim, nessa fazenda, os jovens trabalham na agricultura, aprendem o hebraico, procuram adotar padrões alimentares israelenses, não possuem dinheiro nem qualquer objeto de uso pessoal, inclusive roupa. O primeiro grupo que passou pela fazenda compunha-se de 35 pessoas, rapazes e moças, entre 20 e 25 anos.

Mas a onda de entusiasmo sionista arrefeceu tão rapidamente como surgiu, e em 1950, pouco antes do embarque do primeiro grupo para Israel, já se falava na "crise do movimento". Esta "crise" era, por um lado, provocada por uma diminuição da repercussão do movimento na comunidade, por outro — e este foi o fator decisivo — pelo número de jovens, na maioria universitários, que abandonaram o movimento quando chegou o momento de tomar uma atitude concreta e efetiva, ingressando na fazenda de treinamento e optando, com isto, pela viagem a Israel no prazo de 1 ano.

Com relação ao sionismo no Brasil é preciso analisar o tipo que aqui se desenvolveu. Na Europa Oriental, o movimento sionista foi consequência direta de forte pressão anti-semita que tornava ainda mais grave para os judeus a pressão demográfica e o mal-estar econômico-social de toda a população. No Brasil, o movimento pôde impor-se graças a uma ordem de fatores totalmente distintos. Em primeiro lugar, em consequência da insegurança crônica que caracteriza a personalidade marginal do judeu moderno, permanentemente sujeito a um anti-semitismo latente, senão manifesto⁶. No caso específico do judeu brasileiro, esta característica se torna ainda mais aguda por tratar-se de um emigrante de primeira ou segunda geração. Ora, a insegurança o leva a aderir emocionalmente a um movimento que possui o duplo significado de fator de afirmação grupal e promessa potencial de eventual normalização definitiva. Em segundo lugar, a maneira trágica pela qual desapareceram durante a 2ª. Guerra Mundial nada menos de 6 milhões de judeus, constitui mais um fator que viria agravar a insegurança, além de um forte apêlo para a obtenção de uma situação definitivamente normal. Finalmente, pelo fato de um grande número de judeus adultos que aqui vivem, terem sido sionistas na Europa, frustrados no seu ideal pela política de restrição às emigrações a Palestina, exercida pela Inglaterra, então potência mandatária.

Mas, se há aqui condições psicológicas para a difusão dos ideais sionistas, faltam no nível sócio-econômico pressões que motivem os judeus

brasileiros a emigrar. Muito pelo contrário, a comunidade não só apresenta um elevado índice de mobilidade social vertical, como parece estar sendo paulatinamente aculturada, ainda que não assimilada⁷. Portanto, enquanto o sionismo europeu decorria de uma motivação objetiva, reflexo das condições de vida das grandes massas judaicas, o que emergiu no Brasil era de cunho acentuadamente subjetivo.

Recebeu-se com entusiasmo o Estado de Israel na medida em que não só satisfazia as aspirações históricas, mas vinha a constituir um símbolo de identificação nacional e uma fonte de segurança psicológica para aquele judeu que, forçado a renegar a Europa, ainda não podia identificar-se com a nação brasileira nem era por ela irrestritamente aceito.

Nestas condições, a grande maioria dos jovens aderiu ao movimento entusiasmado com o sionismo enquanto judeus e com a sua ideologia enquanto adolescentes. Esta ideologia, como veremos mais adiante, possui um forte conteúdo romântico que se manifesta na intensa oposição ao mundo adulto e às relações sociais categóricas. Entretanto, embora os jovens também encontrassem no movimento toda uma série de recompensas lúdicas, na realidade não estavam dispostos a deixar o Brasil. Ao entrar na Universidade, atraídos por toda sorte de solicitações que esta pode oferecer, abandonavam o movimento. Se não o abandonavam espontaneamente, faziam-no quando isto se tornava a alternativa à emigração.

Em maio de 1950, o grupo pertencente à camada mais velha, em São Paulo, deliberou que os membros do movimento que fossem estudantes universitários deveriam abandonar seus cursos e que os mais jovens passariam a ser orientados no sentido de cursarem escolas técnicas ou trabalharem em fábricas.

De 1950 até 1959-60, o movimento decresceu em São Paulo de 700 para 170 membros. Esta diminuição não é apenas quantitativa, mas também qualitativa, se levamos em consideração a composição etária dos participantes. Não temos dados a respeito de 1950, mas é possível estimar que naquele ano pelo menos 30% dos membros tinham mais de 17 anos de idade; hoje, apenas 17% (30 em 170) tem mais de 17 anos, enquanto 44% estão abaixo dos 13 anos (75 em 170).

Contudo, em que pese a todas as condições adversas que decorrem não só do descenso do movimento sionista em geral, mas também de uma oposição ativa que certas famílias da comunidade fazem ao movimento na medida em que temem sua influência sobre os filhos, o movimento não só persiste, como já enviou perto de 300 jovens para Israel. São as técnicas de socialização empregadas para possibilitar êste êxito relativo, mas muito significativo, se consideradas as condições adversas, que nos propomos investigar e explicar neste estudo.

II — O Grupo como Sistema Social

A — *Finalidade*: “Procuramos fazer com que nossos companheiros sejam operários militantes do *kibutz*, perfeitamente conscientes dos objetivos políticos, econômicos e sociais que a classe operária judaica persegue: um Estado Judeu Socialista num mundo socialista”⁸.

Em outros termos, o movimento tem por fim conduzir jovens judeus para o Estado de Israel, transmitir-lhes uma ideologia de esquerda e prepará-los para viver no *kibutz*.

B — *Estrutura*: O indivíduo liga-se ao movimento por meio da *kvutzá*, isto é, um grupo de cerca de 10 jovens, orientado por um monitor, que se reúne semanalmente, ou na sede central ou em alguma casa particular. Por sua vez, um conjunto destes grupos formam a *schichvá*, isto é, uma camada de idade. O movimento se compõe de 5 camadas de idade. Em 1959 a distribuição efetiva era a seguinte:

11 a 13 anos	7 grupos	70 indivíduos	_____
13 a 15 ”	6 ”	45 ”	40%
15 a 17 ”	3 ”	25 ”	25%
17 a 19 ”	3 ”	30 ”	14%
19 anos	—	9 ”	16%
	_____	_____	5%
	19	179	100%

Os guias dos grupos de uma mesma camada de idade se reúnem numa comissão de educação para aquela idade. Cada uma das comissões é orientada por um coordenador, e os quatro coordenadores existentes formam o departamento de educação do movimento.

O movimento é dirigido por uma secretaria eleita em assembleia, na qual têm direito a voto todos os membros maiores de 17 nos, isto é, pertencentes às duas últimas camadas de idade. Esta secretaria, por sua vez, designa tôdas as comissões necessárias à realização de diferentes atividades.

Demais, participam da orientação do movimento os emissários vindos de Israel e alguns jovens, membros do movimento que passam um ano naquele país na qualidade de bolsistas, durante o qual são treinados especialmente para a sua atividade de direção.

C — *Atividades*: As atividades do movimento até certo ponto se adaptam ao ciclo do ano letivo, pois a maioria dos membros são ginasiânicos. Durante os meses de aula, a atividade fundamental é a reunião semanal dos grupos básicos. O conteúdo das reuniões varia segundo a camada de idade à qual o grupo pertence. Nas camadas menores, brinca-se, canta-se, dançam-se danças populares israelenses, havendo também

uma palestra de caráter didático segundo programas estabelecidos anualmente em Israel e adaptados ao Brasil. A palestra pode versar sobre temas da história judaica ou universal, sobre ciência, arte, literatura, história da filosofia etc. Os programas didático-educativos são organizados segundo os métodos da “escola ativa”, ou pelo menos há um esforço neste sentido. Assim, recomenda-se que as palestras sobre temas culturais sejam acompanhadas de visitas a museus e que os membros jovens preparem, eles mesmos, embora sob a orientação dos mais velhos, as atividades intelectuais. Nas camadas de idade mais elevadas, os programas prevêm, além de uma formação intelectual ampla, toda uma série de temas por meio dos quais se vai processando a politização dos jovens, quer no sentido sionista, quer no de um socialismo pretensamente marxista, inspirado nas obras de líderes dos partidos sionistas-socialistas europeus^{9, 10}.

Este processo de politização é de maneira geral iniciado por ciclos de palestras sobre filosofia da história, história do movimento operário, história do sionismo, culminando com ciclos sobre o marxismo.

Concomitantemente às atividades que cada grupo básico realiza individualmente, há atividades realizadas em conjunto por cada camada de idade, ou por todo o grupo. São comemorações de datas festivas da história judaica ou do movimento operário, e geralmente se revestem de um caráter recreativo: representações cênicas, canções e danças israelenses. De tempos em tempos, realizam-se excursões ou acampamentos em sítios próximos à cidade.

Os meses de férias são aproveitados para uma intensificação das atividades. Uma parte deste período é reservada para a realização de longos acampamentos para os mais jovens, sendo que na outra realizam-se congressos com a participação de representantes de todas as cidades em que há membros do grupo. Nos congressos planificam-se as atividades do ano seguinte. Realizam-se, também, seminários ideológicos e educativos, por meio dos quais se processa a transmissão de conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens e dos que estiveram em Israel para os que não estiveram.

D — *Padrões Diacríticos*: O conceito de “comportamentos diacríticos” é empregado por S. F. Nadel para designar os modos de atuar, puramente formais, embora considerados como direitos e obrigações, destinados a servir de distintivo da qualidade de membro de um determinado grupo¹¹. Este conceito torna-se particularmente útil na medida em que permite definir claramente certos padrões distintivos do grupo estudado, os quais, contudo, por razões que veremos mais adiante, não são “puramente formais”, mas se revestem do valor de símbolos na medida em que (e precisamente por que) são sinais diacríticos.

Assim é que os jovens membros do grupo são facilmente identificáveis, quer entre si quer por indivíduos que, embora não pertencendo ao

grupo, estão com êle familiarizados, em virtude de uma ampla variedade de elementos diacríticos em áreas tais como o vestuário, linguagem, gesticulação, postura física e atitudes exteriores em geral. A fim de não prolongar desnecessariamente esta exposição, discriminaremos êsses padrões mais adiante, quando fizermos a análise da sua origem, da sua justificação formal e da função latente que desempenham no contexto em que se inserem.

E — *Fontes de prestígio e liderança*: Na medida em que o grupo, pela sua natureza e pelos seus objetivos, não constitui um subsistema da sociedade global que se acomoda funcionalmente a todos os outros subsistemas, mas que, pelo contrário, procura opor-se a esta mesma sociedade, reconstruindo-se em tôdas as suas partes segundo valores próprios, êle engloba tôda a vida dos seus membros, penetrando na totalidade das suas atividades. Daí por que, para proceder rigorosamente, deveríamos examinar prestígio e liderança em cada uma das diferentes áreas de vida como, por exemplo, na esfera lúdica, na esfera intelectual, afetiva e, inclusive, em esferas tais como as que envolvem produtividade e eficiência econômico-administrativa, pois os jovens procuram manter-se a si e à associação quer trabalhando, quer obtendo contribuições de indivíduos ou associações de adultos ¹².

Contudo, julgamos desnecessário proceder de maneira indicada, pois o que importa nesta análise é a fonte de prestígio e de aquisição de status no grupo como um todo. Ora, consideramos que os subsistemas de um grupo inclusivo são, por sua vez, hierarquizados segundo sua função, e que conseqüentemente, o status global do indivíduo corresponde ao status por êle ocupado no subsistema fundamental para a vida do grupo ¹³.

Já vimos que o grupo possui uma estrutura formal hierarquizada segundo camadas de idade. Mas se as posições nela ocupadas podem, institucionalmente, definir certos direitos e deveres, como o de votar ou o de assumir certas responsabilidades, elas não constituem por si uma fonte de prestígio *individual*, e nem mesmo um atributo suficiente para conferir ao indivíduo uma posição de liderança, formal ou informal. E' verdade que esta afirmação não se aplica rigorosamente às camadas mais jovens, para as quais os estratos mais avançados constituem um "grupo de referência" ¹⁴; todavia, mesmo aí acontece freqüentemente que um jovem de 14 ou 15 anos adquiere prestígio e galga posição de liderança superiores às de indivíduos mais velhos. Ainda muito mais freqüente é a recíproca, ou seja, de certos dirigentes mais velhos prestigiarem e valorizarem mais a determinados membros das camadas inferiores do que a outros da sua própria camada etária.

Então, poder-se-ia supor, e realmente assim parece à primeira vista, que a principal fonte de prestígio é o grau de adesão ou de fidelidade aos ideais do grupo. Mas aqui é preciso distinguir duas formas de prestígio, às quais, na falta de melhor conceito, chamaremos de "prestígio ofi-

cial” e de “prestígio real”. O prestígio oficial é realmente conferido aos indivíduos que preencham a condição acima descrita, aos que participem de tôdas as atividades, que sempre possam ser encontrados na sede da associação, dispostos a se desincumbirem de tôda sorte de tarefas técnicas ou burocráticas. Mas o prestígio real, o que realmente confere posição de liderança, requer um conjunto de qualidades de cuja composição participam certos valores próprios da juventude intelectualizante da sociedade inclusiva. Para obter êste tipo de prestígio, o indivíduo deve ser capaz de aderir intelectualmente à cultura do grupo e de contribuir para a sua formulação ideológica, além de possuir um conjunto de traços de personalidade que o capacitem a assumir uma ascendência, que em certo sentido tende para o tipo carismático, sôbre seus companheiros.

Os indivíduos nos quais estas qualidades são notadas potencialmente, enquanto ainda pertencem às camadas mais jovens, vão sendo paulatinamente selecionados pelos dirigentes mais velhos, para os substituírem no momento da sua emigração. Aliás, assim se explica o fato, observado anteriormente, de certos elementos mais jovens terem maior prestígio que companheiros de maior idade.

F — *Ideologia*: Nos parágrafos anteriores, já nos referimos ocasionalmente a alguns traços da ideologia do grupo, um sionismo-socialista cujos postulados podem ser resumidos assim: “O mundo marcha para o socialismo porque isto é uma decorrência necessária das contradições internas da sociedade capitalista, cabendo à classe operária, ou a quem com ela se identifique, apressar êste processo por meio da luta de classes. Mas os judeus, por não possuírem um território nacional, são um povo anormal que se insere entre a pequena burguesia e o proletariado de outros povos. Nos momentos de crise e de competição econômica tendem a ser expulsos desta posição pelos autóctones, sendo esta a razão do antisemitismo. Êste processo os leva a emigrar permanentemente dos países mais industrializados para os menos desenvolvidos e sômente será concluído quando acabarem de se reunir no território nacional, onde poderão normalizar sua pirâmide profissional. Mas os membros do grupo, por terem consciência dêste processo imanente, se lhe antecipam, a fim de constituírem em Israel a vanguarda da classe operária judia, e de lá, único lugar onde isto é objetivamente possível, participarem, como judeus, da luta da classe operária mundial pelo socialismo”.

Também já nos referimos a certas características românticas das quais está impregnada a ideologia do grupo. Manifestam-se principalmente na valorização das qualidades naturais do homem, qualidade que “são conspurcadas pela vida burguesa” das grandes aglomerações urbanas e que sômente podem ser desenvolvidas mediante a volta à terra e ao ambiente rústico¹⁵. Como decorrência, o grupo procura criar nos seus membros um nôvo tipo de homem, livre dos preconceitos e das degenerescências burguesas. Recomenda-lhes que se vistam com simplicidade e

que adotem um padrão de vida ascética, evitando certos hábitos, como o fumo e bebidas alcoólicas. Também são acentuados os choques das gerações sob a forma de uma crítica violenta ao estilo de vida conduzido pelos pais e pelas gerações adultas em geral.

III — *O Funcionamento do Grupo*

A — *Condições para a Emergência de Movimentos Juvenis no Brasil*: Segundo S. N. Eisenstadt, os grupos de idade “tendem a surgir em sociedades nas quais a unidade familiar é incapaz (por diferentes razões) de assegurar ou tende mesmo a impedir à sua prole a aquisição e a integração num status social pleno”¹⁶. Se isto vale nas condições atuais da sociedade brasileira, para associações de filhos de imigrantes¹⁷, inclusive para vários grêmios juvenis judaicos em São Paulo e em outras cidades, tal explicação é insuficiente para as características extremamente peculiares do grupo ora estudado.

Por outro lado, o aparecimento de movimentos juvenis com essas características específicas prende-se à emergência de uma problemática particular da juventude sob o impacto dos desajustamentos provocados pela industrialização e pela urbanização a partir da revolução industrial¹⁸. Todavia, por razões que aparentemente decorrem da pequena rigidez das estruturas sociais brasileiras e das grandes oportunidades de ascensão econômica e social que o país oferece (e que mereceriam um estudo mais cuidadoso) embora os processos já referidos também aqui tendam a provocar tôda sorte de desajustamentos, não se pode verificar a existência de um verdadeiro “problema da juventude” e muito menos que êle tenha chegado a cristalizar-se numa ideologia. Como é sabido, se existem nas grandes cidades algumas “cliques” de “play-boys”, elas, em hipótese alguma, podem ser comparadas às manifestações análogas observadas nos E.U.A., na Inglaterra ou na Itália. Quanto às outras agências juvenis aqui existentes, mas transplantadas do exterior, como a “A.C.M.”, o escotismo e similares, também é conhecida a sua fraca repercussão. A única manifestação coletiva um pouco mais significativa da juventude brasileira é a que se traduz na participação de estudantes universitários na vida política, se bem que esta participação seja muito menor do que geralmente se supõe. Assim, podemos concluir que:

- 1.º — Não há no Brasil condições objetivas tendentes a provocar uma emigração judaica sionista ou de outra espécie.
- 2.º — Mesmo assim, surgiu aqui, por razões subjetivas, um movimento sionista que não poderia assumir formas concretas de realização.
- 3.º — Em virtude da situação de contacto intercultural entre imigrantes judeus e a sociedade brasileira, há condições para o aparecimento de grupos juvenis especificamente judeus.

- 4.º — Entretanto, não há condições, na comunidade judaica como na sociedade brasileira, nem tampouco com relação à situação de contacto entre ambas, para que êsses grupos assumam as características daquele de que aqui se trata.
- 5.º — Tais características, baseadas em protótipos europeus surgidos em condições determinadas, aqui foram impostas a êsses grupos por uma ação educativa em momento psicológicamente favorável.
- 6.º — Para que o grupo possa persistir e atingir suas finalidades nas condições dadas, é necessário que atui como agência ressocializadora de seus membros, quanto a valores, aspirações e padrões de comportamento de um meio social diferente daquele em que vivem e para o qual foram socializados.

B — *Ressocialização: Técnicas e Objetivos*: O grupo aqui estudado constitui, pois, uma agência que procura desencadear, por meio de uma ação educativa dirigida, certos processos sociais que não poderiam surgir espontaneamente nas condições que caracterizam a sociedade brasileira. Com efeito, recorre a um conjunto de valores que emergiram no seio da cultura judaica quando esta repousava sobre uma realidade diferente daquela vivida pelos judeus do Brasil e que, por um processo de demora cultural persistem como valores ideais, para transformá-los em valores reais, associando-os a normas de ação.

Para que isto se verifique, a ação educativa do movimento deve lograr a substituição dos ideais de realização pessoal prefigurados na sociedade inclusiva por ideais condizentes com os seus objetivos. É, portanto, uma agência de socialização, ou melhor de ressocialização que procura atuar em diferentes áreas da personalidade-status dos seus membros. Em primeiro lugar, substituindo o Brasil por Israel como alvo de sua identificação nacional; em segundo, substituindo os objetivos de realização econômica decorrentes de uma sociedade competitiva pelos de uma sociedade coletiva; em terceiro, substituindo os padrões de adaptação e de ajustamento a um meio social urbano e capitalista pelos de um meio rural e comunitário. Neste processo tríplice, é fundamental o papel desempenhado pela estrutura do grupo, hierarquizada segundo camadas de ideais. Geralmente o jovem é trazido para o movimento durante a puberdade ou pouco antes. Nêle, encontra não só uma série de atividades recreativas em geral mais satisfatórias do que as que lhe podem proporcionar os grupos juvenis informais de vizinhança, mas principalmente uma série de oportunidades de auto-afirmação pessoal, que constituem uma valiosa recompensa para as frustrações a que a cultura ocidental submete os jovens nessa fase de transição da infância para a maturidade. Com efeito, são principalmente oportunidades de assumir responsabilidade, executar tarefas, falar em público, escrever artigos em jornais etc.; tudo isto num meio so-

cial em que, ao contrário do que acontece na escola e na família, não se faz sentir a imposição do mundo adulto.

Já nessa fase precoce tem início o processo de substituição de valores, e um processo paralelo tendente a impedir a introjeção dos valores e dos padrões de comportamento correspondentes, que na sociedade inclusiva são transmitidos nessa idade.

Já nos referimos à tendência a adotar os métodos pedagógicos da escola ativa no decurso das atividades intelectuais. A esta orientação, cuja função manifesta é tornar as atividades mais interessantes e mais profícuas do ponto de vista pedagógico, corresponde também uma função latente: associa-se a uma crítica violenta e constante dos sistemas escolares e educacionais da sociedade inclusiva. Fundamentada em critérios metodológicos e pedagógicos, visa a dois objetivos: primeiro, procura desprestigiar a instituição escolar enquanto instituição, apresentando-a como imposição do "mundo dos adultos" às aspirações da juventude; em segundo lugar, visa a neutralizar a força da escola enquanto *agência socializadora para a sociedade inclusiva*, transmissora de valores, padrões de comportamento e aspirações que se opõem aos que o movimento tem em mira.

A análise dos programas culturais revela que êstes decorrem de uma hipervalorização das tradições e da história judaica, procurando, ao mesmo tempo, despertar a sensibilidade do jovem pelos problemas político-sociais e valorizar a vida rústica e os trabalhos manuais. Por outro lado critica-se acerbamente "o artificialismo das cidades e a corrupção da vida burguesa". Os jovens do movimento não usam gravata e as moças não se pintam, aquêles para identificar-se "com a simplicidade do operário" e estas para não incorrer "na mistificação e no artificialismo burguês". Tampouco se praticam as danças de salão, consideradas "um derivativo que o mundo burguês oferece para as frustrações a que submete o indivíduo na esfera sexual"; em seu lugar, recorre-se às danças populares israelenses que, via de regra, são executadas em grupo, ou, quando em pares, não implicam em proximidade física acentuada. O namôro passa a ser permitido e mesmo estimulado a partir do fim da terceira camada de idade (15 a 17 anos), mas sujeito a normas diferentes das usuais na cultura inclusiva. Por um lado, não se admite o namôro como mera atividade lúdica, mas somente com vistas ao casamento; as pessoas "namoradeiras" são mal vistas e criticadas. Por outro lado, o namôro não deve constituir fator de separação entre o casal e o resto do grupo, desencorajando-se as manifestações públicas de uma situação de namôro. Os contactos entre os pares são raros.

Demais, vão se introduzindo na vida do grupo numerosos padrões próprios do meio para o qual êle se dirige em Israel. No linguajar quotidiano adotam-se muitos termos hebraicos, correspondentes a representações características do meio cultural ao qual estão associados, não sendo fácil traduzi-los para o português.

Na transmissão de valores é fundamental, principalmente para as camadas mais jovens, o papel desempenhado pelo guia do grupo de base e pelos demais membros das camadas mais velhas. O guia, geralmente um jovem de 16 a 17 anos, coloca-se perante os seus liderados de 12 a 14 anos como um *primus inter pares*, um igual a eles pela autoridade formal, mas superior pelas qualidades pessoais. Procura conquistar a confiança dos pais dos meninos; estes lhe confiam os filhos em passeios, excursões e mesmo acampamentos, que nas férias se prolongam por mais de 15 dias. Assim, perante as crianças, é investido da autoridade dos pais, sem, contudo, servir-se dela. É fisicamente mais forte e mais capaz do que os companheiros, mas, ao contrário dos adultos, participa dos jogos violentos e muitas vezes esconde sua superioridade neste terreno para permitir o seu êxito. Evidentemente, as crianças se apercebem disto, o que contribui para que valorizem mais ainda a força e a lealdade do guia. Desta forma, êste se torna modelo a que se conformam as imagens de realização pessoal dos educandos.

O movimento monopoliza integralmente a vida dos associados e as atividades coletivas são completamente centrípetas. Os membros raramente possuem amigos estranhos ao movimento, tampouco participam de outras associações ou atividades recreativas. Evidentemente, êste isolamento é necessário em virtude da profunda oposição entre os ideais de realização decorrentes da ideologia da associação e êstes mesmos ideais prefigurados na sociedade competitiva em que ela se inscreve. Dêste modo, o jovem, após o curso ginásial, é orientado para escolas técnicas ou para o trabalho em oficinas. A carreira universitária é virtualmente proibida, porque nela o jovem fatalmente seria atraído pelas solicitações intelectuais, profissionais e mesmo econômicas de uma sociedade que oferece grandes possibilidades de ascensão social. Por outro lado, o movimento deve a sua afirmação principalmente ao uso que faz da assim chamada "crise da puberdade", durante a qual o adolescente, em choque com o mundo adulto, é facilmente atraído por ideologias tendentes à reforma social. Mas se os caracteres utópicos do movimento encontram terreno propício na imaginação de um ginásiano, dificilmente podem manter-se na visão do mundo de um jovem no fim da adolescência. Impedida a carreira universitária, restringe-se ou anula-se o contacto com outros jovens não pertencentes ao movimento, mais maduros e equipados para perceber a realidade por terem passado naturalmente por tôdas as experiências socializadoras a que ela submete os indivíduos, contacto êsse que poderia provocar uma revisão dos esquemas transmitidos pelo movimento.

Contudo, não se deve supor que o processo de ressocialização se verifique sem resistência por parte do indivíduo. Nas camadas mais jovens, são as outras possibilidades de atividade recreativa, oferecidas pela sociedade inclusiva, que competem com o movimento a solicitar a crian-

ça. Para as camadas mais velhas, por mais que o movimento se feche em si mesmo, a realidade objetiva está aí, demasiado presente em cada momento da vida do indivíduo para que não surjam dúvidas e ambivalências. Com efeito, há certo número de jovens que abandonam o grupo, número êste que seria maior se não existisse ainda um fator de vinculação. Trata-se das vinculações afetivas que se estabelecem entre o indivíduo e o grupo, entre o indivíduo e as representações do movimento. Cada um dos grupos de base possui um nome próprio em hebraico, que representa algum dos valores do movimento e que simboliza a unidade e o *esprit de corps* do grupo. Pode ser o nome de um *kibutz*, o de uma região de Israel, ou pode simbolizar um dos alvos de realização do movimento, como *Aliá* (emigração para Israel). As camadas de idade também possuem nomes simbólicos, como *Tzofim* (exploradores), a primeira camada; *Solelim* (desbravadores), a segunda, etc. A passagem de uma camada para outra é como que uma ascensão pessoal, amadurecimento e caminho para ser “dirigente do movimento”. Os membros do movimento saudam-se com *Alé V'hagahem* — “suba (para Israel) e realize”. O movimento é tido como missão histórica, que somente poderá ser desempenhada por seus membros, conscientes que são de “uma análise científica da história”, dos “processos sociais a que está sujeita a humanidade em geral e o povo judeu em particular”. O movimento considera-se “vanguarda revolucionária” e seus membros “os militantes integrais da revolução”.

De fusão de tôdas estas características resulta um intenso *esprit de corps*, instrumento poderosíssimo de contrôle social informal. O grande número dos comportamentos diacríticos tornam os jovens sensivelmente diferentes dos da sociedade inclusiva, cientes dessa diferença e orgulhosos dela. Assim, tôda a série de normas de vida que o movimento procura transmitir atua não apenas como fator de isolamento com relação à sociedade global, mas também faz com que o jovem se sinta um nôvo tipo de homem, integral e superior ao “burguês” corrupto. Normas elementares e aparentemente irrelevantes, como não usar gravata ou não participar de bailes de salão, que em outro contexto seriam totalmente destituídas de significação, aqui se tornam valores importantíssimos que ao mesmo tempo acentuam e valorizam a diferença entre o membro do movimento e os outros.

Em suma, pelo recurso a técnicas psico-sociais que apelam fundamentalmente para a instabilidade emocional característica do indivíduo e, mais particularmente, do adolescente na cultura ocidental, o movimento pôde subsistir com relativo êxito, embora em declínio, em condições sociais extremamente adversas.

NOTAS

- 1) Comunicação apresentada à VI Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Belo Horizonte em julho de 1961.

2) Cf. S. N. Eisenstadt, *The Absorption of Immigrants*. The Free Press, Glencoe, Illinois, 1956; pág. 6. Veja-se, também, Emilio Willems, *A Aculturação dos Alemães no Brasil*, Companhia Editôra Nacional, São Paulo, 1946; cap. I.

3) Bairro de São Paulo, próximo às estações ferroviárias da Luz e Sorocabana, com grande concentração de judeus. Primitivamente, era um bairro onde se concentravam os imigrantes italianos e espanhóis, posteriormente transformou-se num "ghetto" espontâneo onde se concentravam os imigrantes judeus pobres originários da Europa Central e Oriental.

4) Essa era a situação há uns 10 ou 15 anos. Atualmente, embora ela não se tenha modificado totalmente, com a ascensão econômica e social do grupo proveniente da Europa Central e com a aculturação progressiva das novas gerações dos dois grupos a uma mesma cultura brasileira, nota-se uma acentuada tendência para homogeneização.

5) Note-se que o movimento não prepara seus membros para viverem nas cidades de Israel, mas para os *kibutzin*, isto é, grandes comunidades rurais onde não existe propriedade privada e onde se procura coletivizar tanto a produção quanto o consumo. O *kibutz* constitui talvez a forma mais pura de socialismo utópico jamais experimentada.

6) Cf. E. Stonequist, *O Homem Marginal*, Livraria Martins Editôra, São Paulo.

7) Conquanto do ponto de vista teórico, como por analogia com outras comunidades estrangeiras radicadas no Brasil, se possa extrapolar a existência de uma tendência para a assimilação entre judeus brasileiros, nenhuma evidência empírica generalizável permite afirmar isto. Em nossa opinião, a atual fase de transição da sociedade brasileira terá influência crucial no desencadeamento do processo ou no seu impedimento, segundo o papel que nela passar a representar a religião. Contudo, se persistirem as tendências atuais para a secularização, do que não podemos estar certos, parece-nos que continuarão a persistir as condições favoráveis à assimilação.

8) *Plataforma do Movimento*, 1951.

9) Esta caracterização sumária da linha política do grupo baseia-se em documentos editados entre 1949 e 1953. Atualmente, segundo pudemos verificar, o conteúdo marxista foi muito diluído em virtude do aumento da influência ideológica de fontes israelenses, decorrentes da ausência de uma liderança local. Cf. Borochoy, Ber, *A Questão Nacional e a Luta de Classes*, Edições DROR, São Paulo, 1947.

10) O principal desses autores é Ber Borochoy, cuja reinterpretação do marxismo, tendente a compatibilizar seus aspectos antinacionalistas com as aspirações dos socialistas judeus a um Estado nacional, constituiu, na sua época, uma contribuição de grande valor para a sociologia do nacionalismo.

11) Cf. S. F. Nadel, *Fundamentos de Antropologia Social*, Fundo de Cultura Económica, México, 1955; pág. 173.

12) Os membros das camadas de idade mais avançadas reúnem seus proventos econômicos numa caixa comum, redistribuindo-os segundo as necessidades individuais. Demais, é preciso considerar que em virtude das múltiplas atividades o giro financeiro anual é elevadíssimo, exigindo verdadeiros malabarismos econômico-administrativos por parte dos jovens que por êle se responsabilizam.

13) Embora não seja esta a opinião de Linton, que considera um status global resultante da soma dos status ocupados nos diversos subsistemas do grupo total. Cf. R. Linton, *Estudio del Hombre*, Fundo de Cultura Económica, México, 1944; pág. 142.

Nadel, apesar de negar a utilidade do conceito de status total, pelo menos para sociedades diferenciadas e complexas (o que não acontece com o nosso objeto de estudo quando considerado em si), já havia colocado a questão de maneira semelhante à nossa. (Cf. S. F. Nadel, *op. cit.*, pág. 191).

14) Sobre o conceito de "grupo de referência" v. R. K. Merton, *Social Theory and Social Structure*, The Free Press, Glencoe, Illinois, 1956; cap. IX.

15) Estas características do movimento revelam profunda influência de certas correntes do Romantismo europeu, principalmente de Tolstói e do movimento da juventude alemã, Wandervogel, das primeiras décadas do nosso século.

16) S. N. Eisenstadt, *From Generation to Generation*, The Free Press, Glencoe, Illinois, 1956; pág. 54.

17) Veja-se, por exemplo, Ruth Corrêa Leite Cardoso, O Papel das Associações Juvenis na Aculturação dos Japonêses, *Revista de Antropologia*, vol. 7.º, n.ºs 1 e 2, junho e dezembro de 1959.

18) Cf. Eisenstadt, *op. cit.*, cap. II.